



COUSAS DA MODA

COMEDIA EM 2 ACTOS

POR

JOAQUIM SERRA.

Representada pela primeira vez no theatro de S. LUIZ do Maranhão em 19 de
Maio de 1867.



SAN'LUIZ DO MARANHÃO.

1867.

Imp. por B. de Mattos--Typ. r. da Paz, 7.

Á THEMISTOCLES ARANHA.



MEU AMIGO.

Hoje que esta comedia vae ser publicada, consente que eu t'a dedique, como signal de reconhecimento pelo muito que disseste em bem d'ella, o que foi unicamente motivado pela tua generosa amisade.

Repetindo as palavras que escrevi, depois da saudação que fizeste por occasião de sua representação, eu confirmo o juizo que por mais de uma vez tenho enunciado acerca das produções theatraes, juizo que folgo de ver compartilhado tambem por ti.

Eu sei que a minha comedia não é um trabalho perfeito, nem ella representa absolutamente o meu pensamento sobre o modo de encarar as obras dramaticas, pelo lado artistico.

Não applaudo a comedia—pamphleto, assim como não louvo o drama ciceronico e discutidor. Penso que a escola realista vae abusando das prelecções, tornando-se dogmatica de mais, á força de proclamar-se utilitaria.

O theatro considerado como escola e como tribuna é um principio erroneo, subversivo e insustentavel em face da arte. O escriptor dramatico que abre curso de metaphisica sentimental, e pretende edificar dramas, tomando por alicerees artigos do codigo criminal, ou ideias de que é propagandista, será um grande tribuno, um habil pensador, mas não é um

artista. A arte não é um instrumento, é um desideratum; não pode ser um meio, porque ella é um fim.

A primeira obrigação do escriptor dramatico é tratar do *bello*, e indirectamente dar licções aproveitaveis, se poder.

Declamar contra vicios e apregoar virtudes, em cinco e mais actos, pode ser a missão de um moralista, e um moralista não tem obrigação de ser poeta. Ora, a producção dramatica—séria ou comica—é e deve ser um poema antes de tudo.

Os *romanticos*, que jurarão bandeira sobre o evangelho, que serve de prologo ao *Cromwel* de Victor Hugo, levarão a escola do *bello* a um despenhadeiro pelas exorbitancias de que a rodearão. Procurou-se o *bello*, de preferencia no *horriovel*, e os innovadores conseguirão apenas desacreditar a escola.

O realismo, na procura exclusiva do *util* e do verdadeiro (sem se lembrar que a poesia vive de ficções e que a razão é antipoda da paixão) o realismo foi ter como paradeiro no tal *genre ennuyeux*, de que tanto se arreceiavam classicos e romanticos.

A phrase friamente mathematica de Laplace, ao terminar a representação de una das obras primas de Corneille, o *qu'est ce que cela prouve*, não mais ficou uma excentricidade nos dominios da arte; os realistas entenderão que era preciso provar sempre alguma cousa, como se a affirmativa de que —o *bello e bello*—não fosse uma alta questão litteraria.

Um dos talentos mais robustos da nova seita proclama que é urgente um passo atraz, e elle é o proprio a dar o exemplo. Octavio Feuillet, pode-se dizer, é o creador da escola-poetica, fructo de consorcio legitimo do romantismo e realismo regrados.

Por isso os seus dramas são hoje muito festejados, como productos de um espirito revolucionario, como filhos de uma imaginação de artista.

Os adéptos de Dumas Filho, que, distanciando-se enormemente do mestre, isolarão o drama moderno em um scenario arido, confiante com a monotonia, achão-se agora na mesma

posição dos seguidores de Victor Hugo, que, exagerando as sublimes audacias d'este, agourentarão o theatro com as mais intrincadas e horripillantes catastrophes.

Não é peio espirito de novidade, é convicção sincera e profunda, será mesmo *amende honorable* por alguns peccadilhos *realistas*, mas hoje eu só aprecio as peças theatraes, quando pautadas pelos sobrios modelos de Feuillet, e nas quaes a parte dominante é a poetica, enfeixado o romanesco com o real e verosimil.

Pensando assim quanto ao drama moderno, tenho Victorien Sardou como o melhor escriptor da comedia contemporanea. O Sardou dos *Intimos*, e da *Familia Benoiton* é inquestionavelmente o Moliere da actualidade. Theodoro Barriere, espirito caustico e arguto, segue a risca o proloquio francez: *não ha amigo que valha o sacrificio de um bom dito*—e, por essa razão, as suas comedias ultimas são antes invectivas, do que observações; elle apresenta uma galeria de retratos em vez de uma collecção de typos. Deriva d'ahi a inferioridade que ha entre elle e V. Sardou.

Menandro foi maior do que Aristophanes, porque o primeiro fez a verdadeira critica da sociedade do seo tempo, ao passo que o outro elaborou magnificos libellos contra pessoas e cousas determinadas.

Esta profissão de fé, meo caro Themistocles, dispensa a declaração de que não acho bem modellada a minha comedia *Cousas da Moda*. Ella está mais talhada pelos moldes de Barriere, mais individual do que generica.

Simple ensaio de autor acanhado e pouco capaz, com ella não esperava merecer as lisongeiras manifestações que recebi, devidas a complascencia de amigos indulgentes, e a d'este nosso publico, que tem tanto de illustrado como de generoso.

Eu pouco confiava no effeito scenico da comedia, não obstante a exhibição de cousas dos nossos dias, despertadoras sempre do interesse das plateias; mas fiquei surpreendido com a

execução da peça, graças aos intelligentes artistas, que se encarregarão dos diferentes papéis.

Além da comedia ter pouco movimento e mais conversação do que acção, eu segui um preceito, que acho digno da attenção de todos os que escrevem para o theatro. Esse preceito não é inventado por mim; é conselho de um grande mestre, que muito entendia d'estas cousas.

Por outras palavras, Gustavo Planche diz aos poetas dramaticos, que nunca tenham o *publico* no gabinete de seus trabalhos; por quanto, todo aquelle que exclusivamente se preoccupa de agradal-o, durante a elaboração do escripto, ha de mutilar por vezes os conselhos da reflexão, e igualmente tolher os vôos da imaginação.

Desculpa esta longa epistola e recebe um braço do teu amigo

JOAQUIM SERRA.

PERSONAGENS.

SIMPLICIO DE AZEVEDO	Joaquim Augusto.
ISABEL DE AZEVEDO, sua filha.	D. Manoella.
COMMENDADOR MARTINS	Bahia.
FRANCISCO MARTINS, seo filho.	Vicente.
JULIA DA SILVA	D. Velluti.
HENRIQUE LEÃO .	Bento.

CREADOS. &.—No Rio de Janeiro.

ACTUALIDADE.

ACTO I.

UMA SALA ELEGANTEMENTE ADEREÇADA, EM CASA DE SIMPLICIO.—É NOITE.

SCENA I

Julia e Isabel.

(ISABEL assentada ao piano, toca com enthusiasmo.—JULIA folhêa um album de retratos.)

JULIA (*depois de algum tempo.*)

Que muzica tocas, Izabel?

ISABEL (*parando*).

Oh, Juliasinha, não faças pergunta igual entre muita gente!

JULIA.

Porque, minha quirida?

ISABEL.

Porque? Pois tu, uma moça da côrte, *fashionable* e de bom gosto, mostras ignorar a ultima novidade lyrica, a musica da moda!

JULIA.

Mas, se eu não sei qual é a muzica da moda!

IZABEL.

Isto é *um morceau* dos *Bavards*.

JULIA.

Ah! . .

ISABEL.

Do grande Offenback, do compositor mais original e

applaudido que eu conheço. Vê quanta expressão n'este sublime desconcerto, n'esta trovada de harmonia. . . (*Toca.*)

JULIA.

É original, mas. . não gósto. O teo Offenback é.

ISABEL.

É o autor do *Orphee*, que todo mundo vê e applaude com loucura!

JULIA.

Pois eu ainda o não vi: apenas tenho escutado alguns pedaços no teo piano.

ISABEL.

No meo só! Nas festas, nos passeios, na frente dos batalhões, na missa, em toda parte. . A moda obri-ga, minha rica!

JULIA.

Ainda não me obrigou a ir em um unico dos soirées particulares do theatro francez.

ISABEL.

Rabugens de teo marido.

JULIA.

Como te enganas! Eduardo é o melhor e o mais complascente dos maridos; não tem outra vontade que não seja a minha, mas. . .

ISABEL.

Mas. . .

JULIA.

Eu não sinto a menor vontade de vêr e ouvir aquelas couzas. Admira-me que tu, tão tímida e acanhada, quando nos demos em Pernambuco, estejas hoje tão mudada, á ponto de achares prazer n'esses espectaculos!

ISABEL.

Em Pernambuco! Porém isso foi ha quatro annos, e eu não passava então de uma provinciana matuta e enfezada! . .

JULIA.

Sempre foste muito polida e bem educada, minha cara Izabel!

ISABEL.

Obrigada pelo elogio, mas eu não tinha ido a Paris, estudado o grande mundo, e pasmado pelo muito que distanciamos da verdadeira civilisação. . . (*Julia ri-se*) Tu sorris? Acredita, Juliasinha, esta nossa terra está muito inculta e barbara, apenas o Rio de Janeiro. . .

JULIA.

Vae deixando de ser Brazil, concórdo.

ISABEL.

Vae se polindo e pondo de parte os modos esquelhos de selvagem e rude, e comtudo isso. .

JULIA.

Não sei se teo pae lucrou, restabelecendo-se de seos achaques, com á viagem á Europa, quanto a ti, minha amiga. . .

ISABEL.

Já sei da tua mofina, mas eu não tenho remedio se não ouvir-te sem me zangar. Viajar é criticar, já disse alguem; e, quando temos de comparar couzas desse-melhantes, não ha remedio senão reconhecer a inferioridade da que fôr somenos.

JULIA.

Se foi de Paris que trouxeste esse amor pelo Alcazar, debes te regosijar vendo a cõrte do Brazil tão devota da mesma religião.

ISABEL.

Tambem era o que faltava! Ver a Thereza conviver nas Tulherias, e as peças de Offenback applaudidas pela melhor sociedade do mundo, e no Rio de Janeiro fazermos cara feia e dar mão gazalhado ao leão da actualidade! Felizmente a côrte tomou juizo e inscreveo-se entre as cidades do bom ton. Fazes uma triste excepção, minha boa amiga; é preciso abandonar esses modos ariscos e que nada provam!

JULIA.

Era mais facil eu convencer-me de que todo o Rio de Janeiro tinha perdido o siso, do que acreditar que sou a unica louca. Graças á Deus, porém, não sou unica excepção, como dizes.

ISABEL.

Entretanto, repara: solteira, como sou, não perco com meo pae os soirées particulares do theatro francez. . . Que soberba peça que é os *Bavards!* É admiravel que a ti, dona de caza e senhora de tuas accões, esteja eu tirando os sustos e receios, tão insupportaveis em uma menina de collegio!.

JULIA.

Se eu ainda não estive em Paris!. (*Ri-se.*)

ISABEL.

Ainda! (*Fica amuada, continúa a tocar.—Silencio.*)

JULIA.

Tarda muito teo pae?

ISABEL.

Não póde tardar; foi dar uma volta com o Commen-dador.

JULIA.

O maniaco por photographias?

ISABEL.

Sim, com o commendador Martins.

JULIA.

Póde-se gracejar ácerca do velho, ou é indiscrição fazêl-o?

ISABEL.

Como indiscrição? Acho apenas que não haverá motivo para a zombaria.

JULIA.

Já vejo que sou indiscreta.

ISABEL.

Boa descoberta! Então pensas que eu tomo as dôres pelo velho Martins?

JULIA.

Pelo velho não... mas pelo filho, e um filho que viajou com a gente por esse mundo de Christo.

ISABEL.

Ora, mysterios com o Francisco Martins! Suppões que occulto a amizade e interesse que elle me inspira?

JULIA.

Pensava.

ISABEL.

Enganas-te, minha querida. Acho-o bonito, espi-rituoso, engraçado, chic, e sobretudo...

JULIA.

Parisiense!

ISABEL.

Elle vem á nossa caza, porque travamos relações na Europa, e meo pae espera obter solução de seos negocios, graças aos bons officios do commendador, parente de um dos ministros. Se a gente não sympa-

thisar com os môços como Francisco, hade ir gostar dos alarves, que andam por essas ruas?

JULIA.

Certamente. Quem traz um pince-nez com mais impertinencia e diz tão á proposito e com tanta graça um *s'il vous plait?*

ISABEL.

Maliciosa e incorrigivel!

JULIA.

Admiradora muito convencida... Se eu soubesse o que quer dizer chic, repetia a palavra, dizendo que aquelle Francisco é o Chico mais chic e enluvado que passeia pela rua do Ouvidor.

ISABEL.

Já não te basta o pae, queres tambem debicar o moço. . .

JULIA.

Vejo que estás enfiada. perdoa. .(Novo silencio.— Isabel toca por algum tempo.)

ISABEL.

Téo marido não vem?

JULIA.

Não. Henrique me virá buscar

ISABEL.

Ah!

JULIA.

Creio que não gostas nada d'aquelle maritimo?

ISABEL.

Porque?

JULIA.

É um moço tímido apesar de valente, modesto e pouco alegre ápezar de official de marinha.

ISABEL.

Mas em tudo isso não vejo a razão que te faça crer ser elle mal visto por mim.

JULIA.

Se as razões para gostar de um sujeito são umas, para se desgostar de outro devem haver razões oppostas.

ISABEL.

E d'ahi?

JULIA.

D'ahi... meo cunhado Henrique não assobia o *Omphé*, não uza pince-nez, é acanhado...

ISABEL.

Tens lembranças!

JULIA.

Pobre rapaz! Creio que aprendeo os *lanceiros* para dançar hontem pela primeira vez! Infelizmente o par pregou-lhe uma forquilha. não sei se o termo é selvagem e rude...

ISABEL.

Bem sabes que sahimos antes da quinta quadrilha, pelos encommodos de meo pae.

JULIA.

Deploravel coincidencia!

SCENA II

As mesmas, o Commendador e Simplicio.

SIMPLICIO.

Deploravel coincidencia! diz muito bem, D. Julia, e

é essa justamente a resposta, que eu tenho a dar-lhe. Commendador! (*corteja á Julia.*)

COMMENDADOR (*depois de cortejar á Julia.*)

Minhas Senr.^{as}! (*á Simplicio*) Mas o que havemos de fazer, meo caro! O ministro está sem dúvida com occupações gravissimas.

SIMPLICIO.

Mas é esta a sexta vez! Isto é para fazer enraivar um santo!

(*Isabel e Julia conversam.*)

COMMENDADOR.

Paciencia, paciencia, tenente-coronel!

SIMPLICIO.

Tenente-coronel! Era muito bom se o fosse, isto é, se continuasse a sê-lo! E não poder explicar-me com o ministro! Será crível que S. Exc. tenha uma caza para não morar nella?

COMMENDADOR.

Não ha motivo para essas agonias; eu já me entendi á respeito, falta bem pouca couza para a terminação do seo negocio. Em o ministro ouvindo-o.

SIMPLICIO.

Ouvindo-me! Mas ahi é que está o buzilis! Hontem no baile do Conselheiro eram baldados os arremeços que eu fazia para entabolar conversação com o nobre ministro, evitava-me com tanta amabilidade, indo dar o braço a uma ou outra Senr.^a, que me parece não haver da parte d'elle grande vontade de ouvir-me. Oh, estes ministros, estes ministros!. (*Senta-se.*)

COMMENDADOR.

Deixe-se de máo humor. (*á Julia.*) É o seo album, minha Senr.^a? (*Simplicio fica lendo umas cartas, no fundo.*)

JULIA.

É o de Isabel; eu não tenho album.

COMMENDADOR.

Não tem album! E onde guarda os retratos de seus amigos?

JULIA.

Tenho poucos amigos; não formam collecção...

ISABEL (*sorrindo*).

Sempre excêntrica!

COMMENDADOR.

Perdão, minha Senr.^a, mas, se permite, eu offereço-lhe algumas photographias, para augmentar o numero. Tenho retratos de todos os viventes quaze... Comêço do Grão-Turco e vou terminar em Solano Lopez. todo o parlamento inglez, os thugs, o Estigarribia fardado, á paizana, em busto, sentado, de todas as fórmas.. Amigos e inimigos, notabilidades e mediocridades, homens e mulheres, pretos e brancos; o meo album é uma primorosa obra em dez volumes com seicentas illustrações cada um!

JULIA.

Jesus, Sr. commendador! e para que lhe serve tanta gente?

COMMENDADOR (*áparte*).

Esta moça é tola (*alto*) Mas se é *distingué* e característico de bom gosto um livro cheio de amigos e de pessoas celebres? Pergunte a D. Isabel, qual o primeiro symptoma do grande amador, no grande mundo! Lembra-se do nosso visinho em Bordeaux, amigo tenente-coronel? Nunca vi mais lindas collecções de photographias!... Imagine V. Exc. todas as grandes lorettes, e pequenas grisettes de Paris, em trajes... em posições e.

JULIA.

Oh, Sr. commendador!

COMMENDADOR.

É verdade. Esse era um album rezervado, o que era pena! Que primor! que soberba couza!

ISABEL.

Mas, Juliasinha, não precisa ir a Paris para ter um album, e nem tão pouco para saber que a photographia está em moda, e que é de máo gosto esses livros em branco, por falta de sociabilidade!.

JULIA.

Não me dizes nada de novo, Isabel: eu sei que estou fóra do figurino, assim como sei que hoje o primeiro comprimento que se dirige ao vizitador é—dê-me o seu retrato—quer o sujeito seja amigo, esteja retratado, ou não valha a pena destrubuir cópias de sua figura. Sei de tudo, e é mesmo por isso que os retratos perderam de valor para mim. D'antes, quando symbolisavam um penhor de muita estima, por certo que eu não diria d'elles, o que agora digo... O annuncio photographico, a correspondencia-photographica, a visita-photographica, mataram os retratos dos amigos, e passaram para o catalogo dos rotulos e subscriptos, esses cartões, que tanta gente ainda preconiza...

COMMENDADOR.

Mas, se é o progresso, civilisação, e ultima novidade europea...

JULIA.

Como moda seja apreciada, mas não como prova de ternuras, amor de arte, e eu não sei que mais pretextos irrisorios com a capa de sociabilidade.

ISABEL e COMMENDADOR.

E portanto...

JULIA.

Portanto eu uzo a moda de que gôsto, e não aquella que é inventada por um capricho inexplicavel. A moda não póde obrigar o gosto, antes este é que determina a moda. Já vês, minha querida, que eu sou matuta, apesar de viver na Côrte, e que dou a razão de meo dito, máo grado não ter ido a Paris.

COMMENDADOR.

Mas deve ir, deve ir, Exm.^ã! Com o espirito que tem, apreciará dobradamente aquellas maravilhas. Que passeios! hein, D. Isabelinha?

ISABEL.

Que boulevards!

COMMENDADOR.

Que paysageus! que edificios! Ai, que couzas!

ISABEL.

Paris! Paris!

JULIA (*sorrindo-se.*)

Porque não o trouxe em photographia, Sr. commendador?

COMMENDADOR.

Se trouxe! Possuo o S. Deniz, o Pantheon, a Magdalena, a Columna, a Grand-Opera, tudo quanto ha de grande e de magestoso n'aquella seductora capital!

ISABEL.

Eu trouxe até as vistas dos pontos mais feios e detestaveis, porque tudo é soberbo e me agrada!

JULIA (*ironica.*)

Assim, não vejo rasão para essas grandes saudades, uma vez que Paris não está mais em Paris, porem aonde tu estiveres.

SIMPLICIO (*suspendendo a leitura.*)

Isto é abominavel!

COMMENDADOR (*voltando-se*).

O que?

SIMPLICIO.

Ouçã: (*tendo*) «Corre que o ministro escrevêra ao Ambrozio de Albuquerque, asseguraudo-lhe que seria nomeado para o teo lugar, e eu não duvidô do comprimento da palavra do ministro, uma vez que o ministro pôde ter muitas palavras.»

COMMENDADOR.

O teo correspondente diz uma indecencia, e d'ahi eu concludo que não pôde ser homem em quem se creia.

SIMPLICIO.

Se é meo irmão que me escreve, e esta carta acaba de chegar no paquete do norte! Commendador, eu vou perdendo a fê nas instituições e sobretudo na guarda nacional. Suspenso do meo commando-superior, ha quatro mezes, por motivos que eu não pôsso atinar quaes sejam, ando de balde em procura de justiça e reparação, para o que emprehendi uma viagem trabalhosa, e sem o menor proveito, até hoje!

COMMENDADOR.

Mas, tenente-coronel, já eu não disse-lhe que o negocio está em bom caminho, e que o ministro asseverou-me ser couza deliberada a sua reentegração no commando-superior?

SIMPLICIO.

Palavras, bonitas palavras, commendador! O ministro recebeo-me com um abraço, porém não tem estado em caza sempre que o procuro... A sua protecção, sei que é muito valiosa, pois é parente do conselheiro Lobão, mas os ministros... os ministros!

COMMENDADOR.

Não sei como uma simples carta de Pernambuco o põe tão desarasoado e fóra de si! Se eu lhe affirmo que não póde haver verdade na noticia da sua substituição..

SIMPLICIO (*á passos largos*)

Ambicionar essa maldita patente, gastar por ella tanto dinheiro nas ultimas eleições, vir da Europa com o fardamento feito pelo alfaiate do general Mac-Mahon, e encontrar aqui um decreto de suspensão do posto, por tempo indeterminado, á bem do serviço publico, e pelos embarços e não sei que mais! Patriotismo, patriotismo! como poderás medrar em semelhante paiz?... E querem acabar com a guerra! e deixam-me suspenso! e querem voluntarios! e eu não póssó falar com o ministro da justiça!..

COMMENDADOR.

Dar-se-ha o caso que queira ir para o sul, tenente-coronel?

SIMPLICIO.

Não me dê um posto, que me acabam de arrancar... Não me chame mais tenente-coronel, porque eu...

COMMENDADOR.

Inda tem a magestade, e creia que as proprias dragonas lhe serão de novamente entregues... Fique já na intelligencia que desejo ter o seo retrato em grande uniforme!... O que me deo á paysana, não é tão imponente...

SIMPLICIO.

Orat... Tres mezes de espera... e os pretendentes á corvejarem sobre o meo commando-superior! E este paiz ainda fala em guerra!

COMMENDADOR.

Pretenderá estrear o fardamento francez nos pantanos do Paraguay?

SIMPLICIO.

Deus me defenda, pois tão nescio não sou! . . . Agora é que chega a occasião de dizer: quem quer . . . manda . . . Não sou nenhum defunto sem choro para me ir metter n'aquelle sumidouro! . .

JULIA (*que estava conversando com Isabel*).

Perdão, Sr. Simplicio, ali ainda não houve defunto, que não fosse muito chorado pelo paiz; e, entre os que marcham para o tal sumidouro, bem poucos são os que não merecem o nome de heroes! . .

COMMENDADOR (*á Simplicio*).

Toma!

SIMPLICIO.

É a minha vez de lhe pedir perdão, D. Julia. Sei que teve um cunhado ferido em Riachuelo, mas, a prova de que não vale a pena andar por lá, é que o moço hoje passeia pela rua do Ouvidor, e, segundo me consta, ainda não terminou a trovoada do sul.

JULIA.

Henrique não passeia e nem fica na côrte, Sr. Simplicio; ha oito dias restabeleceo-se do grave ferimento que recebo, e depois de amanhã parte para a campanha. O Sr. confunde-o com esses officiaes de parada e procissão, que só vêm a guerra por um oculo; gradua meo cunhado pela craveira d'esses voluntarios que vieram até á côrte e regressam ás suas cazas fartos de theatro lyrico e de passeiatas.

COMMENDADOR (*rindo-se*).

D'esses ha aos pares.

JULIA.

Aos centenaes..

SIMPLICIO.

Concordo, e não foi minha intenção confundir com esses o bravo tenente Henrique. . .

ISABEL.

Mesmo porque seria uma injustiça, porquanto elle...
Elle ali vem.

SCENA III

Os mesmos e Henrique.

HENRIQUE (*depois dos cumprimentos*).

Senr.^a D. Isabel. meos Srs... (*á Julia*) São oito horas, minha mana; penso que não a fiz esperar.

ISABEL.

Pois veio tão em ponto, Sr. Henrique?

HENRIQUE.

Temi importunal-as vindo antes.

ISABEL.

Será punido pelo que acaba de dizer, demorando-se até ás nove horas, porque eu retenho Julia por mais uma hora.

HENRIQUE.

Castigo é esse, que eu recebo como um favor, minha Senr.^a

JULIA.

Bem, e o castigado será meo marido, que me esperará por espaço de uma hora...

COMMENDADOR.

A paciencia é uma virtude conjugal. (*á Henrique*.)
Falavamos da guerra antes do Sr. chegar Dizia-nos D. Julia que depois de amanhã vae o nosso tenente reunir-se á seos irmãos de armas.

HENRIQUE (*olhando á furto Isabel*).

Sim; devo partir amanhã.

SIMPLICIO.

Meo caro Henrique, ouça o conselho de um amigo velho, e creia que não é á tôa que Deus nos dá cabellos brancos. V.^{ce} já fez mais do que devia fazer... tem familia, e mande ao diabo o Paraguay e o Lopez...

HENRIQUE (*rindo-se*).

Só pôsso mandal-o ao diabo indo pessoalmente levar o recado.

SIMPLICIO.

Guerra sem fim! Tiro e mais tiro, fumaça e mais fumaça! Causa lástima vêr tanto erro de estrategia e descertos militares como os que se tem dado n'esta campanha!..

HENRIQUE (*ironico*).

Pois se os melhores generaes não se arredam d'aqui, onde planejam os combates e dão quinãos nos pobres veteranos, que lá morrem!

COMMENDADOR.

Porém isso é verdade. Os erros têm sido muitos!.

HENRIQUE.

E as glórias obtidas, meos Srs.! O brilho dos nossos feitos são por ventura tão pequenos, que deem lugar a essas criticas injustas?

SIMPLICIO.

Glórias? gloriolas!

HENRIQUE (*altivo*).

Onde mais deslumbrantes do que essas que immortalisaram Paysandú, Riachuelo e Jatahy?

COMMENDADOR.

Quem hade gabar a noiva senão o apaixonado.

HENRIQUE.

Antes de ser militar fui brasileiro, como os Srs., e por isso não sei aquilatar o meo paiz senão como seo apaixonado. Creio no patriotismo; creio no Brazil, sou moço, não tenho razão para duvidar dos actos generosos e grandes! Penso que todos fazemos simplesmente o nosso dever tomando armas e correndo para o campo da peleja. Julgo que desperdiçamos o tempo n'estas discussões e em folguedos pueris, quando a honra do Brazil não se acha vindicada. O nosso pavilhão, açoutado pelas brisas maleficas da terra inimiga, accena á seos filhos para que se acérquem d'elle. . . Creio na gloria, meos Srs., e este pensamento não póde deixar de ser bom e santo, porque elle é gerado no coração, a séde dos pensamentos generosos!

SIMPLICIO.

Aos vinte e cinco annos pensa-se assim, mas aos cincoenta e cinco. . .

HENRIQUE.

Deve-se pensar melhor, e eu não supponho que seja mais patriota do que o foi e seria meo pae! O tempo, pae de todos nós, quando engendrou e esses, que agora são os velhos, era mais moço e vigoroso do que hoje, quando nos formou mais fracos e menos ardentes. Por isso, aos que nos viram nascer, ainda mais do que aos do nosso tempo, é que temos o direito de pedir palavras de animação, e acções que estimulem os bríos juvenis! Pois que? esta grande terra, rica de seiva e de vigor; mãe caroavel e prodiga de affectos para seos filhos, não terá á seo lado, na hora do perigo, todos os que devem-lhe amor e reconhecimento? Não, meos Srs., a dívida contrahida com a patria não póde ser sophismada e addiada de geração em geração! Todos temos o mesmo dever, e, ainda bem, quando o cumprimento do dever traz em si mesmo a recompensa e a paga do sacrificio feito!.

ISABEL, (*que o tem escutado commovida—á Julia*).
Henrique é poeta?

JULIA.

Nunca fez versos. .

ISABEL.

Mas é poeta.

JULIA.

Pois se elle faz versos, são muito diversos dos que sabe arranjar o cavalheiro, que ahi chega.

SCENA IV

Os mesmos e Francisco.

FRANCISCO (*com umas flôres*).

Minhas Senr.^{as}. meos Srs.. (*comprimentos geraes.*)

SIMPLICIO.

Ora seja muito bem apparecido! Ha duas horas que o esperamos.

FRANCISCO.

Felizes os que são esperados!

COMMENDADOR.

Não duvido, porém—massados os que esperam.

ISABEL.

São maximas de pae á filho, meos Srs?

FRANCISCO.

Pois tenho a fortuna de poder dar a cada um uma boa nova, pondo-me quite de varias incumbencias que me foram feitas. . . Por essa fôrma remirei a minha falta de pontualidade.

JULIA.

Taes sejam as novas...

FRANCISCO.

Começarei pelo Sr. Simplicio: Meo tio manda dizer-lhe que amanhã ao meio dia passará por aqui, afim de irem juntos ao ministro, o qual a essa hora os espera.

SIMPLICIO (*risonho.*)

Ora até que afinal quebrou-se o eucanto!

FRANCISCO.

Agora o Sr. commendador, meo pae: (*tirando do bolso*). Os cartões encommendados no Instituto Artístico—todo o estado-maior do Mitre..

COMMENDADOR (*radioso.*)

Em busto ou de corpo inteiro? (*examinando e satisfeito*) Tal e qual! Optimo! é isso mesmo. Nunca os vi, mas devem estar parecidissimos!...

FRANCISCO.

Tenho a honra de annunciar á Exm.^a Senr.^a D. Isabel que, á meo pedido, teremos *reprise* da *Bella Helena* no domingo, soirée particular!

ISABEL (*alegre.*)

Fala sério?

FRANCISCO.

Aqui está o programma (*mostra-o*). Agora, não obstante não me ter encommendado couza alguma, nem D. Julia, nem o nosso tenente.

JULIA.

Traz-nos alguma couza?

FRANCISCO.

Para V. Exc. estes *vergis-my-nicht* (*Julia agradece e recebe as flôres riudo-se*) e para o bravo guerreiro a

noticia de que foi transferida para terça-feira a saída do paquete do Sul.

HENRIQUE (*com pesar*).

Mais cinco dias de espera!

FRANCISCO.

Eis o que se chama um grande *tableau*, falta o couplet final para ser um desenlace á Scribe!

ISABEL (*á Henrique*).

Parece que o Sr. foi quem menos se alegrou com o presente recebido.

HENRIQUE.

Eu! porque?

ISABEL.

Pareceo-me. . . e depois, acabou ha poucos instantes de fazer o elogio da guerra, que é natural sentir pezares com a demora da viagem. . .

HENRIQUE (*lentamente*)

Partir de entre os que nos estimam, é sempre triste, D. Isabel! . .

FRANCISCO.

A guerra é que é sempre uma grande iniquidade. . . Fala Victor Hugo por minha bocca.

HENRIQUE.

Pois n'este momento o grande homem não fala bem; porque eu, sem contestar a these, entendo que no cazo prezente, a destruição é uma obra quazi tão santa como a creação! . . O Brazil. . .

FRANCISCO.

O Brazil está muito atrazado em arte de guerra, Henrique! Todo o nosso trem bellico não vale um *son!* Quiséra que tu assistisses uma revista no campo de Marte. . . Aquella. . . lembra-se, D. Isabel?

COMMENDADOR.

Soberba! magnifica!

SIMPLICIO.

Que alamares nos fardões! que penachos nas barretinas!

FRANCISCO.

E *quel vacarme!* Por Deus, não temos hussards e nem dragões como aquelles!

HENRIQUE.

Pois se não temos essas couzas aqui, como comparal-as com as outras, amabillissimo Francisco?

FRANCISCO.

É para termos! para imitarmos o que é bom e vale a pena!. *Parbleu!*

HENRIQUE.

Acredita que sem tudo isso temos feito muita couza bonita e que vale muito. Ainda não tínhamos encouraçados e já a *Amazonas* servia de ariete contra a flotilha paraguaya; inda não possuíamos espingardas de agulha e já tomavamos Paysandú, com um punhado de bravos, armados de granadeiras velhas! A coragem bem inspirada vale a sciencia sem a consciencia... vale mais do que os teos hussards, e dragões francezes, que os penachos de que nos falou o Sr. Simplicio.

FRANCISCO.

Poesias que nos deitam a perder, fabulas de patriotagem, que nos levam para traz.

HENRIQUE.

Levarão... mas o que é real é que toda fabula tem uma moralidade, e a d'esta é, que, vale mais fazer dos peitos muralhas contra o inimigo, do que das linguas espadas contra os nacionaes.

SIMPLICIO (*á Julia*).

Proclamo seo cunhado o primeiro prégador do século, D. Julia, e se elle precisar de esforços meus para obter uma prebenda de conego da Capella Imperial, pôde contar desde já.

JULIA.

Em compensação, penso que terá o votto d'elle, Sr. Simplicio, quando o lugar de general de exercitos, for cargo de eleição. Cada um conforme a sua vocação...

COMMENDADOR.

Pelo tenente-coronel fico eu, se por ventura está fazendo um epigramma, D. Julia.

JULIA.

Deus me defenda de tal.

FRANCISCO (*á Isabel*)

Amanhã heide trazer-lhe as muzicas da *Bella-Helena*. É preciso que a Senr.^a conheça muito de perto a formosa mulher de Meneláo. . . Sem medo de errar affirino que é o chefe d'obra de Offenback, pois não ha libreto e partitura mais chispante e crustillante!

ISABEL.

Melhor do que o *Orpheo*?

FRANCISCO.

Cem vezes! A muzica do *Orpheo* é um memento junto d'aquillo. . .

JULIA (*zombando.*)

Memento pelos vivos, não?

FRANCISCO.

Uma agua morna. Não acha, tenente?

HENRIQUE.

Ainda não ouvi a *Bella-Helena*; disseram-me porém, que é um pandemonio de couzas impossiveis e increiveis!

FRANCISCO.

Um pandemonio, justamente, mas que bizzarria e que fogo! A pimenta nunca subio tão alto, e nem o cancan desceo tão em baixo! É de uma petulancia tão inaudita como remarcavel!

ISABEL.

Estou vendo que ha muita exaggeração nos seos elogios. Lembre-se de quanto disse e fez pela Dubreuil, no caffè cantante dos Campos Elyseos.

FRANCISCO.

Pois ajuisse da *Bella-Helena*, por esta grande scena, que descripta não póde dar perfeita ideia do que seja: É noute, noute alta. . . Ouve-se a longe o ultimo trilo de uma bacchanal prezidida pelo rei Agamenon, e na qual são figurantes todos os grandes homens da Illiada, as sacerdotizas de Aphrodita, e o grande augurio de Jupiter. Helena repouza mollemente na mais voluptuosa nonchalance em um sophá, e provoca os homens da terra e os deuzes do Olympo, pelo requebro e coquetismo de suas posições. O vestido, que é um transparente pretexto para estar quasi despida, põe em alto relevo os encantos e seducções, que dentro em pouco levarão o incendio á soberba Troia. A irresistivel filha de Leda sorri porque sonha amores, e aquelle sorriso é uma flôr que deve ser colhida por um beijo do amante troyano. A muzica toca uma surdina, que é uma queixa mal articulada, dir-se-hia um suspiro abafado em caricias. Tudo é ternura, voluptuosidade e deliramento. . .

SIMPLICIO (*enthusiasmado.*)

Mas, como resistir a uma scena d'essas?

JULIA (*á Isabel.*)

Parece que teo pae acha, que estas não são as historias, cuja leitura deve ser vedada ás filhas.

ISABEL (*com um gôsto.*)

Não interrompam o orador. Continúe.

FRANCISCO.

Entra Paris: enlevos, arroubos, extasis e reveries! Canta um romance soberbo, que é a invocação á Venus, como exordio do poema mysterioso, que vae se pôr em acção. Helena sonha em altas vozes... O que ella diz ninguem pôde ouvir, porque são syllabas flamboyantes, de uma languidez inexprimivel... O sonho termina quando ella se vê nos braços do amante, mas a embriaguez é tal que tudo aquillo ella julga prolongamento do mesmo sonho... Oh, loucura sublimet Paris, quér retificar o seo julgamento, comparando-a com a Deusa dos Amores, a quem elle outhorgára o premio da belleza. Vaidade da mulher, ou seducção do amante, ella deixa as vestes irem cahindo, pretextando sempre que é um sonho. *Oui c'est un reve!* vae elle dizendo, em quanto um orvalho de beijos borri-fa as flôres que se libertam da estufa que as enclauzuravam... Oh!

COMMENDADOR.

Oh! Bravo! bravo! Bis! vou! não ha duvida, vou á primeira representação! É de pôr um homem doudo!

ISABEL.

Realmente está aguçando-nos a curiosidade...

HENRIQUE (*tristemente*).

A curiosidade, minha Senr.^a!

FRANCISCO.

Até aqui o anacreontico, agora o charivariaco... Chega Meneláo e entra na alcova em solemne momento de infidelidade conjugal... Complicação pantagruellica, estrondo geral na orchestra! Ninguem imagina o que surde de semelhante tohu-bohu... Páris canta um couplet estourando de riso, Meneláo uiva como a ca-

bra Amalthea, e a formosa grega, tomando-o de parte, e em tom de explicação e desculpa, começa por um sapateado e termina no mais desengonçado e artistico de todos os *cancans*. *Quel blague!* Imagine isto: (*imita.*)

.....

 Car il s'expose
 Á triste chose
 Entrant dans um mauvais moment...
 Et voila comme
 Un galant homme
 Evite des desagreements!..

ISABEL, SIMPLICIO, e COMMENDADOR (*gargalhando.*)

Bravo! muito bem! muito bem!

JULIA (*ironica.*)

Danse mais, danse mais, que está impagavel! Só isso me faria rir.

FRANCISCO.

É inimitavel e original!

HENRIQUE.

É desfrutavel e immoral!

FRANCISCO (*rindo-se.*)

Olé! temos mais puritanismo?

HENRIQUE.

Temòs um pouco de.

FRANCISCO.

Suspenda a objorgaturia, uma vez que não póde ser mais modesto do que as modestissimas familias, que applaudiram a peça, e na hypothese de que não pretende fazer censuras a D. Isabelinha, que tem o bom gosto de ir á primeira representação, que houver.

HENRIQUE.

Pois vae, minha Senr.^a?

ISABEL.

E o que tem isso?

SIMPLICIO.

E o que tem isso?

COMMENDADOR.

E o que tem isso?

JULIA.

Meo caro Henrique, Você está fazendo uma deploravel figura em meio de tantas interrogações e admirações!.

HENRIQUE.

Desculpe-me; persuadia-me que o theatro era o logar do recreio licito, onde se poderia entrar sem levar a certeza de ser censurado. Julgava que nos theatros rendia-se culto ás boas artes, ás boas lettras e aos bons costumes, porém.

COMMENDADOR.

Pelo amor de Deus, meo castissimo tenente, pelo amor de Deus, não ressussite idéas gothicas e caducas.

HENRIQUE.

Serão caducas, todavia não ha nada mais velho do que a decencia e a seriedade.

SIMPLICIO.

Exposição, exposição com elle! O Brazil não acha curiosidade deste tamanho para mandar á Exposição universal... Está digno até do Muzeo tanto faniquito, tanta susceptibilidade!

JULIA.

Estás vencido, Henrique, não ha remedio senão concordares que estás no singular e...

SIMPLICIO.

E para occultar tão feia derrota venha até o meo gabinete, onde desejo mostrar-lhe uns papeis do século passado . . . Venha, que o Sr. é planta exotica no mundo moderno . . . (*sahem*).

HENRIQUE (*em meia voz*).

E chamam isto um pae! (*olhando Isabel*) É pena!

COMMENDADOR (*o mesmo*).

E é corajoso e destemido: . . .

FRANCISCO (*ás Senr.^{as}*)

Eu serei breve, minhas Senr.^{as} (*sahem*)

SCENA V

Julia e Isabel.

ISABEL (*depois de algum tempo*).

Sabes, Juliasinha? Teo cunhado é um moço exquisito!

JULIA.

Sabes, Isabel? eu o acho soberbo!

ISABEL (*a meia voz*).

É pena!

ACTO II.

A MESMA DECORAÇÃO.

SCENA I

Simplicio e Francisco.

SIMPLICIO.

Indeferido!. Não tem lugar!.. Em tempo será atendido! E isto depois de uma pergrinação enorme e atribulada! E dizem que temos governo, constituição, e mil bugigangas de não sei que diga!. (*passando*).

FRANCISCO.

Sr. Simplicio, não se deite a perder, e não se exaspere por *petits riens*! Pódem lá valer esses esconjuros as carolices da guarda nacional?

SIMPLICIO.

Cale-se por favor, Sr. Francisco dos meos peccados! O Sr. é um homem sem coração, não pôde por isso comprehender o que vae de amarguras aqui por dentro! Bello valimento o do commendador seo pae! Servio-me de muito a relação d'elle com o ministro!.

FRANCISCO.

Essa agora não é má!.

SIMPLICIO.

Podêra! Inculca-se amigo do ministro.

FRANCISCO.

E não o é?

SIMPLICIO.

Eu sei lá! Trabalhei como um mouro para obter uma entrevista particular, que, em resultado, me dá este lucro chocado e de cara de asno! Bonita consideração fui encontrar da parte do governo! Mão humor e frieza, eis o que achei!

FRANCISCO.

E o que tem meo pae com a frialdade do ministro? Ora, Sr. tenente-coronel, precisa ter mais algum sangue frio! . .

SIMPLICIO.

Sangue frio! sangue frio! E o que alcancei eu no cabo de tantas idas e vindas? Ha trez mezes que não acho o ministro em caza, desperdiçando uma groza de cartões de vizita: sou emfim introduzido hoje . . .

FRANCISCO.

Com meo tio, e por influencia de meo pae . . .

SIMPLICIO.

Nem eu quero roubar-lhe a gloria da introduccão... Entro, S. Exc. recebe-me com um sorriso.

FRANCISCO.

Vê!

SIMPLICIO.

Conto-lhe tudo: o amor que votto a patente, os serviços prestados, e a suspensão despropositada e inconstitucional. Elle continúa a sorrir.

FRANCISCO.

Como a sorrir? .

SIMPLICIO.

Vê?. Continúa a sorrir e declara-me que vae pensar sobre o cazo . . . Que a reentegração instantanea é fóra dos eixos . . sendo que as fórmulas . . .

FRANCISCO.

Sim, as fórmulas, Sr. tenente-coronel, é preciso respeitar as fórmulas!

SIMPLICIO.

Quaes fórmulas, que só agora apparecem e se me atravessam no caminho! Para me atirarem pelos ares, com uma suspensão sem motivo, não foi preciso muita couza; agora, quando se deve desfazer o mal, quando me julgo bem patrocinado com as recommendações de seo pae! Isto é para descrever de quantos páes o Sr. póssa ter, e de quanto figurão se inculca por este Brazil!...

FRANCISCO.

Está desarasoando, carissimo Sr.; já vae passando os limites do desespero épico, e pôde degradingolar para o buffo... Alma grande, e atiremos o chapeo armado por cima dos moinhos.

SIMPLICIO (*sem attendê-lo*).

Vou regressar á Pernambuco, convencido de que o Rio de Janeiro é uma terra de perdicção e de homens sem palavra, nem importancia, mas muito dados á importancia.

FRANCISCO.

Se me fosse permittido aconselhar a um tenente-coronel que não se dá á conselho, receitava-lhe nova viagem á Europa, ao *charmant pays de France*, como remedio infallivel para cural-o d'esse amor civico-marcial; d'essa idolatria por uns bisonhos cidadãos qualificados e inqualificaveis; uniformizados com camiza e seroulas lá pelos sertões do seo commando superior! Horripilante tropa! Incrível carolismo e enthusiasmo! Mas, ahí vem o velho, não se amofine tanto, Sr. Simplicio.

SCENA II

Os mesmos e o commendador.

COMMENDADOR (*á Simplicio*).

Póssô dar os parabens?

SIMPLICIO.

Se lhe parece, commendador, metta-me a ridiculo ainda em cima.

COMMENDADOR.

Não comprehendo o remoque! Pois não estive com o conselheiro?

SIMPLICIO.

Estive.

COMMENDADOR.

E então?

SIMPLICIO.

Faça-se de novo! Estou vendo que ainda não sabe do rezultado de minha vizita!

COMMENDADOR.

Póssô lá saber de alguma couza, se vejo-o hoje pela primeira vez, e se, até agora, estive em caza do Pacheco escolhendo uns retratos que faltam na minha collecção! Será crível que o ministro tivesse sabido novamente?

SIMPLICIO.

Antes assim fosse, porque quem espera . .

FRANCISCO.

«Belle Philis on desespere

«Lorsqu' on espere toujours! . .

SIMPLICIO.

Não nos interrompa, Sr. Francisco!

FRANCISCO.

Engulo o resto, e fico mudo.

COMMENDADOR.

Achou o ministro, logo.

SIMPLICIO.

Tive o logro, que não entrou nos meos calculos... Depois de suas promessas, da segurança com que me falava.

COMMENDADOR.

Pois se elle é meo intimo e nunca me deo em vão a sua honrada palavra!

SIMPLICIO.

D'esta vez fêl-a bonita. .

COMMENDADOR.

Teve um—não—?

SIMPLICIO.

Sim—não tive.

COMMENDADOR.

Não entendo.

SIMPLICIO.

Respostas ambigvas . . . meias palavras. . . reticencias calculadas. . . reservas mentaes, embelecós, kalendas gregas, que, em portuguez claro, quer dizer:—vá bugiar!

FRANCISCO.

C'est trop fort! (*olhar atravessado de Simplicio*).

COMMENDADOR.

O conselheiro é muito polido, para recebê-lo com grosserias. . . Ainda recuzando servil-o, faria isso de modo ao Sr. restar-lhe agradecimentos. . .

SIMPLICIO.

Foi o que elle fez; mas para cá vem de carrinho, porquanto eu não me presto a debiques.

COMMENDADOR.

Eu falarei de novamente e tudo se hade arranjar...

SIMPLICIO.

Quer saber uma couza, commendador?

COMMENDADOR.

Diga.

SIMPLICIO.

Promette não se zangar?

COMMENDADOR.

Essa é boa!

SIMPLICIO.

Pois olhe, me parece que o ministro bem pouco cazo faz dos seos falatorios.

COMMENDADOR.

Tenente-coronel!

SIMPLICIO.

Veja que prometteo não se zangar!

COMMENDADOR.

D'onde, porém, colligio semelhante absurdo?

SIMPLICIO.

Vendo o ministro surdo aos seos dizeres!

COMMENDADOR.

Ora!

SIMPLICIO.

Ora? Leo a sua carta com máos modos; disse á seo mano que isto era uma exquisitice, palavra que em gíria ministerial quéer dizer—massada—e tomou segui-

damente duas pitadas, fazendo estrondo para não ouvir a réplica.

COMMENDADOR.

Isto não prova nada! O conselheiro que trata-me por *tu!*

SIMPLICIO.

Tambem a sem cerimonia nada prova!

COMMENDADOR.

Que é meo compadre!

SIMPLICIO.

Ai, o compadresco é uma chiméra!

COMMENDADOR.

Que por vezes deueo a mim a sua eleição!

SIMPLICIO.

Agoas passadas.

COMMENDADOR.

Não creia n'sso, tenente-coronel! Alguma contrariedade de momento, algum assomo de aborrecimento! O conselheiro não me deixará mal, e nunca consentio que eu promettesse de balde.

SIMPLICIO.

Contra a contrariedade do momento protestam os affagos e festas que, na mesma occazião, elle fazia ao tenente Henrique, nosso conhecido.

COMMENDADOR.

Estava lá?

SIMPLICIO.

E tratado a vela de libra, e com manto de seda! Que deferencias! que zumbaias ao moço!

COMMENDADOR.

É célebre! Não me consta que o nosso tenente seja influencia em alguma freguezia!

SIMPLICIO.

Era o que eu dizia com os meos botões, enquanto o rapaz recebia o presente da chapa da Rosa, que o ministro lhe fazia; deferindo-lhe ao mesmo tempo varias pretensões, pelas quaes se interessava.

COMMENDADOR.

Couzas de cacaracá.

FRANCISCO.

Licenças a grumetes.

SIMPLICIO.

Não sei; mas n'aquelle instante eu desejava ser um dos recommendados do simples tenente, visto como as azas do commendador não me cobriam muito bem!

COMMENDADOR.

Obrigado, mas eu me vingarei mostrando-lhe se será servido ou não. Espere e verá.

SIMPLICIO.

Qual esperar! Vou já tratar de arrumar-me para voltar a Pernambuco, e fazer assucar. Estou com despeza enormissima aqui, e isto não póde continuar. (*em acção de sair*).

COMMENDADOR.

Saiamos juntos, que o ar livre o obrigará a tomar melhor resolução...

FRANCISCO (*acompanhando-os*).

Eu tambem vou; espera-me a minha camizeira, que deve preparar uns collerinhos, que possam receber as gravatas á Timothée Trim... Já se não póde vestir roupa feita n'esta terra. (*sahem*).

SCENA III

Isabel e Julia (*com o chapéo na cabeça.*)

JULIA.

Quero vêr se hoje também achas alguma desculpa, para me enganar. . .

ISABEL.

Vou sem falta; inda não falei com meo pae, mas não hade haver inconveniente.

JULIA.

Tenho muitas couzas que mostrar-te, uma vez que dás tanto apreço a versos brasileiros. . . Na persuasão de que só estimasses os de Lamartine e Victor Hugo. . .

ISABEL.

Sabes que a poesia não tem patria.

JULIA.

E será poeta o pobre do meo cunhado?

ISABEL.

São bem lindos os versos que acabamos de vêr, e eu não pensava que se podêsse dizer tão bonitas couzas á proposito de um luar em Icarahy!

JULIA.

É que já não te lembras do luar de tua terra, á força de veres luas de Londres e estrellas parisienses. . . Foram, todavia, muito deliciosas aquellas noutes que passamos em Pernambuco, em nossa caza nas margens do Beberibe, vendo ao longe as ruinas da formosa Olin-da, e a nossos pés o rio querulo e suspiroso! Lembras-te?

ISABEL.

Pois não me heide lembrar!

JULIA.

É que já lá vão quatro annos, e n'aquelle tempo tu ainda não te havias naturalisado cidadã transatlantica.

ISABEL.

Má.

JULIA.

Não sou má, porque tu tambem não és o que pareces, ou antes, o que te exforças por parecer. Essa affectação e leonismo, que apresentas, não te pertencem, e crê que fazem pessimo ornato. Tu és outra muito diversa, e eu te reconheço máo grado essas frivolidades... Coração de anjo, idolatra do bello, tu te deixas atordoar, sem teres consciencia disso... É o motivo pelo qual eu não deixo de ser a mesma tua amiga de infancia.

ISABEL.

Estás me deitando a perder com elogios funebres, e com absolvições de culpas de que não me accuzo...

ISABEL.

Tens precisão de absolvição, sim, e felizmente o peccado é venial, não exige muita misericordia.

ISABEL.

Ahi vem teu cunhado, toma sentido.

SCENA IV.

As mesmas e Henrique.

HENRIQUE.

D. Isabel. (*comprimenta*) Senr.^a minha mana...

JULIA.

Chega muito a proposito...

ISABEL (*reprehensiva*).

Julia!

JULIA (*á Henrique*).

Ja ia sahir.

HENRIQUE.

O seo carro está na porta.

JULIA.

Mas como V.^o veio, prefiro voltar a pé.

HENRIQUE.

É um meio de pôr-me á caminho?

JULIA.

Não, porque eu me demoro, e almoçaremos aqui... Posso convidar Henrique, para participar do almoço que me offereceste? (*á Isabel*).

ISABEL.

Ora, graças á Deus! (*toca a campainha, ao creado que entra*) Manda embora o carro de D. Julia (*á Henrique*) Então é certa a transferencia do vapor, Sr. Henrique?

HENRIQUE.

É, mas eu não parto n'elle...

ISABEL.

Pois vae sempre amanhã?

HENRIQUE.

Depois de amanhã.

JULIA.

Vaes no encouraçado?

HENRIQUE.

Sim, o ministro baldeou-me para elle, como prova de amizade e distincção (*ri-se*).

JULIA.

De que te ris? Ficas menos exposto...

HENRIQUE (*chasqueando*).

Aonde está o homem, está o perigo, disse um sabio, sem fazer excepção dos navios blindados... Falemos de couzas mais alegres. Sabe, D. Isabel, que acabo de ouvir uma peça magnifica?

ISABEL.

De que opera?

HENRIQUE.

Não é trecho de ópera; uma melodia de Chopin. Conhece Chopin.

ISABEL.

Conheço.

HENRIQUE.

É um grande poeta, não acha? Que sentimento! Que suavidade! A alma sente-se aliviada ouvindo as suas melodias! Parece que elle é o interprete dos pensamentos occultos!..

ISABEL.

Eu já sabia que o Sr. era poeta, sem precizar d'esse enthusiasmo por Chopin!

HENRIQUE.

Poeta?

ISABEL (*mostrando um papel*).

Vê estes versos?..

HENRIQUE (*sério*).

Julia!

JULIA.

Não me digas mais nada, porque eu já estou castigada de minha indiscrição, com a indiscrição de Isabel. ..

ISABEL.

E que mal ha em vêr o que o Sr. tanto occulta no fundo das gavêtas?

HENRIQUE.

Eu sei lá se são versos? Escriptos nas solidões marinhas, ao marulho das vagas, distante da patria e nas melancolicas horas da saudade, esses pobres versos já fizeram quanto deviam, servindo-me de confidentes no izolamento.

JULIA.

Está bom, está bom! Se diz isso para ouvir elogio nosso, eu vou dando-me de suspeita.

ISABEL.

Quanto a mim, não sei analysar as couzas que aprecio: gósto porque gósto.

HENRIQUE (*á Isabel*).

Com o espirito cultivado que tem; familiarisada com os grandes poetas nacionaes e estrangeiros, muito terá se aborrecido com a leitura insossa, que a minha ingrata mana obrigou-a a fazer.

ISABEL.

Parece que agora está zombando comigo, Sr. Henrique!

HENRIQUE.

De fórma alguma. Sou incapaz d'isso.

JULIA.

Ou pensas que Isabel não crê na poesia?

HENRIQUE.

Nem isso; para crêr na poesia basta crêr no coração.

JULIA.

Pois n'esse cazo...

SCENA V.

As mesmas, e Francisco.JULIA (*continuando*).

Pois n'esse cazo vae nos pôr tudo em pratos limpos, o Sr. Francisco, que entra tão contente de sua vida!..

FRANCISCO.

Oh, Exm.^{as}! Acabo de vêr o triumpho da minha opinião! Venho radioso como um apóstolo comprehendido pelas gentes! A ideia ravissante e preconizada por mim, ha tanto tempo, conquistou finalmente os suffragios do mundo civilizado!..

JULIA.

Está nos fazendo medo com a sua ideia!

HENRIQUE.

Napoleão terceiro terá annexado o Brazil á França?

ISABEL.

Diga o que é, Sr. Francisco, conte-nos a sua historia, por caridade.

FRANCISCO (*indicando um papel*)

Aqui está o verdict! E com estes olhos acabo de ver o preceito exemplificado; a theoria coroada pela pratica.

HENRIQUE.

Quando o oraculo descer da tripode, provavelmente será entendido por nós!

FRANCISCO (*entregando os papeis a Isabel*).

Pois vejam e admirem! Cahio o balão! abolio-se o merinaque! *Les dieux s'en vont!* O meo grito de revolução eil-o sancionado pelos figurinos chegados no Na-

varret! É um aresto, um evangelho aquillo que eu proclamei! Dei uma salva de palmas á Aimée, vendo-a agora mesmo desbaloadá na praça da Constituição! Como as bellas ficam mais bellas, e as elegantes mais provocadoras! Tudo leve, ethereo, ideal, e entretanto tudo realidade! Não ha que contradizer: a moda está adoptada! Já as supremas sacerdotizas prestaram homenagem á lei nova! Ao fogo o fossilismo degulante! Viva o leonismo á Benoiton!

HENRIQUE.

Que tribunicio enthusiasmo!

ISABEL (*vendo o figurino*).

São enesgados os vestidos (*estão ambas junto ao piano*).

FRANCISCO.

A fórma esbelta
Termina em ponta
Como.....

HENRIQUE.

Tambem sabe o Magalhães!

FRANCISCO.

Não sabia que isto fosse do Magalhães; qual d'elles?

HENRIQUE.

O poeta, o grande poeta.

JULIA (*á Isabel*)

Não é feio, e deve ter graça. Eis ahi uma moda aceitavel.

FRANCISCO.

Parbleu! como todas as modas!

HENRIQUE (*á Julia*).

Acho-lhe só um defeito, é não ser nova.

FRANCISCO.

Mas é de rigor. Só é novo o que já foi velho, ou o que está esquecido.

ISABEL.

E pegará a moda?

FRANCISCO.

Se eu acabo de vêr duas sylphides do theatro francez, conforme os moldes vindos da Europa, e se os jornaes de Paris declaram que no baile ultimamente dado no Hotel de Ville, nem uma senhora se apartou do uniforme!

JULIA.

Vem agoar o prazer, grande parte do seo elogio, Sr. Francisco. . . Eu acho que se este vestuario é feito para sylphides do fandango, e roixinoes da cançoneta, nós. . .

FRANCISCO.

Uma vez que os seos escrupulos são tão pequenos, e só por esse rigorismo. . .

JULIA.

Escrupulos!

HENRIQUE (*ironico*).

Não os deve ter, minha mana, porque isto vem de longe, e nós, que arremedamos tudo, devemos ir com a correnteza. Hoje quem dá o motte são. . .

FRANCISCO.

Tregoa ao carrancismo, amabilissimo tenente. Não continue n'essa afinação que me irrita os nervos! É agaçante e assomante!

HENRIQUE.

Essa molestia nos nervos, é um inconveniente das viagens transatlanticas. Uma vez que a moda é inventada no Alcazar. . .

FRANCISCO.

Tambem só faltava que não uzassemos do vestuario elegante, porque veste-o tambem a dansarina tal, ou a cantarina qual! É bom ressussitarmos as modas para cada classe, e os vestidos com carimbo de reprovação: gorros amarellos para judeos; bonets phrigios para libertos, capacete. . .

HENRIQUE.

Não precisa tanto; basta que as donzellas tímidas, que devem ser como essas plantas sensitivas, que se arrufam por uma suspeita de briza; que as honestas mães de familia, adoptem as modas por serem bonitas e commodas, e não por serem uzadas nos Ceramicos, e pelas dansarinas do ton e da ordem do dia. . .

FRANCISCO.

E digam que não lucramos com as peças do mundo equivoco e mulheres de marmore, quando podemos crear o typo dos Degenais. . . (*Isabel que tem estado pensativa, começa a tocar*). Quanto a mim quero ser contemporaneo dos que me rodeiam, pois não posso reconduzir o século para o tempo dos Amadis de Gaula. Isto é assim? Está direito. (*Henrique tem ido se pôr junto ao piano*) O balão foi um uzurpador, é destronado agora, que tenho eu que nas fileiras dos restauradores venham soldados de todas as armas? Não acha que isto é assim, D. Julia?

JULIA (*que não tem ouvido*).

Como?

HENRIQUE (*á Isabel*).

Que phrase delicada! muito bem! magnifico!

FRANCISCO (*á Henrique*).

Está applaudindo?

JULIA (*rindo-se*).

A'quella muzica. . .

FRANCISCO (*reparando*).

Que muzica é essa, D. Isabelinha?

ISABEL.

Uma antigualha moderna. Uma melodia de Chopin.

FRANCISCO.

Mauvais genre, mauvais genre!

HENRIQUE (*á Isabel*).

Advinhou que era essa a muzica de que eu lhe falei?

IRABEL (*com doçura*).

Advinhei. (*cruza um fundo olhar com Henrique.*)

JULIA (*á Francisco*).

Dê a boa nova a seo pae, que ahi vem. Elle ha-de querer reformar a collecção de retratos, pondo tudo sem balão.

SCENA VI

Os mesmos e o commendador.

COMMENDADOR (*entrando, á Henrique*).

Vim procural-o. Está ahi em baixo um correio do ministro, que traz recado para o Sr. . . Se tem de ir ao ministro, vamos juntos. o meo carro ahi está, e eu tenho o que fazer na secretaria. . .

JULIA (*á Henrique*).

Será uma nova ordem de embarque?

ISABEL (*estremecendo*).

Já!

HENRIQUE.

Volto no mesmo instante. . D. Isabel. minha mana, até já. (*apertam-se as mãos*).

FRANCISCO.

Eu tambem saio. Devo assistir ao leilão dos cavallos da Mignonette.

COMMENDADOR (*á Henrique sahindo*).

Olhe que ainda não me deo o seo retrato, e que tem me roido a corda o mais que é possível. . . Não admitto desculpas, meo amigo; prometteo, hade dar. Não parta sem cumprir a palavra. Quero dous até; um para o album das amizades, outro para o das notabilidades, porque como. (*sahem*).

SCENA VII

Julia e Isabel.

JULIA (*á Isabel que continúa a tocar*)

É muito melancolica e terna essa muzica, Isabel. (*silencio*). Estás distrahida?

ISABEL.

É sexta-feira que sahe o *Brazil*?

JULIA (*rindo-se*).

Parece. . . mas que peça é essa?

ISABEL (*espantada*).

Qual?

JULIA.

Essa que tocavas.

ISABEL.

Tocava distrahidamente, nem me recorda o que era!

JULIA.

E porque essa distracção? Pela quéda do balão?

ISABEL.

Talvez. (*silencio*) Esta guerra não tem mais fim, meo Deus!

JULIA.

E o que te importa, minha querida! Os homens que entendem d'isso, que se preocupem, em quanto que nós mulheres. .

ISABEL.

Mas temos n'ella os nossos amigos e parentes! . .

JULIA.

Eu bem que pôsso dizer isso, porém tu? não me consta que lá tenhas alguém. . . Teo pae quererá marchar? (*silencio de algum tempo*).

ISABEL (*levantando-se do piano*).

Não estou para mais estudo hoje; sinto-me encomodada. . .

JULIA.

Enxaqueca?

ISABEL.

Não sei o que é.

JULIA (*sorrindo*).

Pois sei eu.

ISABEL (*desconfiada*).

Ah!

JULIA.

Não é de balde que se é dona de caza, e meia chefe de familia, minha rica. . Aprende-se muita couza: fica-se enfermeira, mezinheira, e até advinhadeira. . .

ISABEL.

Assim pois.

JULIA.

Assim pois: Era uma vez uma moça, bonita como os amores, e elegante como uma parisiense faceira. Ella era rainha dos bailes; senhora do bom gosto, e trazia avassalados todos os corypheos da moda. Entre os vassallos entusiastas e futeis, cortejadores apenas do vestido caudato e das lantejoulas do figurino, havia um vassallo fiel e leal, que, na rudeza do seo culto, não via os ornamentos do idolo, ou antes, que, para adoral-o, sabia-o despojar desses oiroleis.

ISABEL.

Julia, você está louca?.

JULIA.

O pobre apaixonado, qual nauta desarvorado, perdêra bussola e estrella polar desde que pela primeira vez aproximou-se da interessante menina.. Naturezas irmãs, embora parecessem afastadas, pela falsa individualidade de que a moça se arrebicava, não era possível que não acontecesse o que deveria acontecer... Ella pagou amor com amor.

ISABEL.

Juliasinha!

JULIA.

Ao grave e dedicado mancebo pezava infinitamente, doía-lhe no intimo da alma vêr a linda visão dos seus sonhos de poeta, ser a borboleta doudejante, sem consciencia dos adejos em derredor do fogo malefico. . Ella, que a principio desesperava-se com a singularidade d'aquelle puritano, acabou por particularisal-o, mesmo por esses bruscos arremeços e excentrico modo de adorar... Quebrou-se afinal o encantamento, e a parisiense dos salões, tornou a ser a ingenua menina de outros dias, revendendo o coração a primazia que sempre teve sobre o espirito d'ella...

ISABEL (*confusa*).

Que extravagancia!

JULIA (*indo dar-lhe um beijo*).

Que tal achas a minha historia, querida amiga?

ISABEL.

Já disse...

JULIA.

Olhando fito e séria para mim, é que eu desejo ouvir a tua resposta. Vamos lá, diz...

ISABEL (*que fita e desvia as vistas*).

Ora, que extravagancia!

JULIA.

Não me serve assim. Falemos sério: o que eu devo dizer a elle?

ISABEL.

Elle quem? Eu não entendo nada do que me tens contado...

JULIA.

Faz um esforço pequenino. Eu estou aqui no character de plenipotenciaria, percebes?

ISABEL (*vexada*).

Não.

JULIA.

É preciso que o pobre rapaz parta para a campanha, e elle só espera a resposta, que o leve a salvamento...

ISABEL.

Estás zombando de mim?

JULIA.

Eu me encarreguei de acelerar os acontecimentos... É o presente de despedida, que prometti fazer ao na-

morado... Basta uma palavra; a confirmação de que a minha historia é verdadeira em todos os pontos...
(*silencio de Isabel*) Então eu me enganei?

ISABEL (*rapida*).

Eu não disse isso!

JULIA (*abraçando-a*).

Pois não digas mais nada...

ISABEL.

Julia!..

JULIA.

Eu estou calada, minha querida!

SCENA VII

As mesmas e Simplicio.

SIMPLICIO (*açodado, alegre, e gritando*)

Victorial! victorial! Viva o heroe de Riachuelo e a armada nacional!

JULIA (*espantada*).

Meo Deus! O que é isto, Sr. Simplicio? Chegaram noticias do Rio da Prata?

SIMPLICIO.

Qual Rio da Prata, minha amiguinha! Couza melhor! muito melhor!...

ISABEL.

Mas o que é, meo pae?

SIMPLICIO (*fôra de si*).

Está aqui! no meo bolso... o Aviso... o ministro... o tenente... Oh que tenente! que Aviso e que ministro!

ISABEL (*assustada*)

Meo pae! Vm.^{co} está fôra de si!..

SIMPLICIO.

E podêra não! E fique agua morna depois de uma couza d'estas! Sim! quero que todos saibam: estou fóra de mim, é meo direito e meo dever apoz acontecimento tão faustoso!

JULIA.

Grande crueldade a sua, abuzando assim da nossa ancia e sofreguidão, Sr. Semplicio!

SIMPLICIO (*sem attender*).

Vinha rua abaixo, não! ia rua ácima e sem olhar á direita e nem á esquerda. Tinha ouvido a confirmação da minha desgraça, do proprio official do gabinete do ministro... Irrevogavel sentença! suspensão indeterminada e eterna! Vinha com o espirito opprimido, a vista turva, e o coração rachado de meio á meio... Em cada esquina esbarrava com um tenente-coronel, em cada praça com dezenas de commandantes superiores... Eram... foram meos collegas!.. e eu passava por elles, e elles não me reconheciam!. Nas lojas dos sirgueiros tremeluziam, como olhares vegos de um demonio escarninho, as malacachetas e espiguilhas dos alamares e dragonas... Suspensas das prateleiras espadas e talabartes se entrechocavam com um ruido sardonico. E tudo parecia dizer-me: Suspenso! Suspenso! Suspenso! O sangue galopava em minhas veias... as orelhas pareciam brazas, e as pedras das calçadas soterravam-se e fugiam sob meos passos...

JULIA.

Com effeito, Sr. Semplicio!

SIMPLICIO (*continuando*).

De repente eu ouço um psio. mais outro, mais outro e o meo nome ligado á syllaba sibillante! Páro. chega a mim um ordenança ministerial. entrega-me um papel. que papel! Traz o meo nome, e um S. P. sublime e admiravel gravado no frontespicio!. Abro.. leio e brado enthusiasmado: nobre ministro! patriotico avizo! formidavel Henrique!.

ISABEL.

Henrique! . .

SIMPLICIO.

Henrique... sim! Pois eu já não disse que foi elle quem me fez ministro. quero dizer: que foi elle que fez o avizo... isto é. que arranjou-me tudo... tudo! Reentegração! Rufem as caixas e viva o governo!.

JULIA.

Meo cunhado! Pois não foi o commendador?

SIMPLICIO.

O commendador! Quem fala aqui em semelhante pax-vobis! Era bom que eu não tivesse aqui o bilhete do ministro! Bastou o apoio do joven tenente. foi dito e feito! Oh, mocidade, a patria tudo confia de vós! E o ministro. . que ministro! tambem moço. tambem sublime. Tres como aquelle e o mundo seria nosso... Mas, ahi vem o heroe! o rei da festa! Vem, vem, salvador do paiz. (*lançando-se nos braços de Henrique*).

SCENA IX

Os mesmos, Henrique, e depois o commendador e Franciseo.

JULIA (*á Isabel*).

Vês. foi elle, ou antes, foste tu... .

HENRIQUE (*á Suplicio*).

Que é isto, tenente-coronel? Abraça-me com tal entusiasmo! . .

SIMPLICIO.

O que é? Julga que escapará aos meos agradecimentos, generoso mancebo?

HENRIQUE.

Ora, grande couza! O ministro o que fez foi ouvir-me falar do seo merito. o resultado deve a si mesmo, aos seus serviços, que fizeram desaparecer as injustiças. Que couza essa para tanto merecer-lhe?

SIMPLICIO.

Seja como fô! foi de ti que elle tudo soube... e...
venha. *(ao commendador que entra com Francisco)*
venha, commendador, que este rapaz acaba de salvar
a nação e de reconciliar-me com o governo!. *(Henri-
que tem ido para junto das damas)*

COMMENDADOR.

De que se trata?

FRANCISCO.

Novo acto de bravura?

SIMPLICIO.

E inaudito! Maior do que as proezas que elle fez no
alto Paraná. maior que tudo... e muito maior do
que Vm.^{cc} oh, lá isso muito! *(mostrando o papel)*
Veja, sou o que fui. leia...

JULIA *(á Henrique)*.

Os filhos são responsaveis pelas dividas paternas...
não, Isabel?

ISABEL.

O que dizes?

COMMENDADOR.

Reentegrado!... Eu logo vi que o ministro daria so-
lução ao meo pedido!.

SIMPLICIO.

Limpe a mão á parede com o seo pedido, meo caro...
Foi fresco e optimo!

COMMENDADOR.

Então a quem deve isto... E façam favores no sé-
culo presente!

SIMPLICIO.

A quem devo! Ecce homo *(indica Henrique)* Ali tem
o heroe... ali junto das damas!. *(á Isabel)* Eia, Isa-
bel, toca-me o hymno nacional!

FRANCISCO.

Pois não foi meo pae o autor da.

SIMPLICIO.

Leiam este magnifico bilhete ministerial.. leiam, (*dando a Francisco*) e digam depois a quem devo agradecer (*Francisco e o commendador leem a carta; Simplicio o avizo*).

ISABEL (*á Henrique*).

Eu agradeço por meo pae, Sr. Henrique.

HENRIQUE (*á Isabel*).

E com que palavras agradecerei eu ao seo agradecimento?

JULIA.

N'esse cazo não gaste essas bonitas palavras, que eu tenho couza muito melhor para motival-as...

HENRIQUE.

Sim?

ISABEL.

Julia!

JULIA *á* (*Henrique*).

O Sr. meo mano póde partir para a campanha... Creio que foi esta a senha convencionada...

HENRIQUE (*radioso*),

O que diz, Julia!

JULIA.

Eu não digo nada... tranquilliso-o ácerca da sua viagem. O que achas, Isabel, Henrique não póde partir descansado?

ISABEL (*vexada*).

Eu é que sei...

HENRIQUE (*á Julia*)

Vês.

JULIA.

Pois então não partas.

ISABEL (*alegre*).

E fica?

JULIA (*rindo*).

Já vês que podes partir bem tranquillo. . . (*á Isabel*) a modinha diz que, ainda que os labios não digam, da despedida na hora. tu sabes o resto. . .

HENRIQUE (*á Isabel*)

Só uma palavra. . . só um gesto, Isabel!

ISABEL (*corada, dando a mão*)

Henriquel. . .

SIMPLICIO (*dobrando o avizo*).

E dizer que n'esta folha de papel está enrolada a vida, a alegria e as glorias de um cidadão! (*á Henrique*) Ah, meo amigo, peça-me tudo quanto quizer, desde o meo fardão de Pariz, até. até, nem sei o que digo. e tudo é seo. é seo. . . e é seo!

HENRIQUE (*olhando Isabel*).

Acceito a palavra, Sr. Simplicio, e antes de partir lhe pedirei alguma couza. . .

SIMPLICIO (*satisfeito*).

Ora ainda bem!

COMMENDADOR.

E porque não segue para o sul, tenente-coronel?

SIMPLICIO.

Porque tenho uma filha, commendador; e o mesmo não podem dizer os que não têm esse encargo, e não sentam praça nos filhos vadios.

COMMENDADOR.

Parece que olha para o Francisco!.. Creia que não o embaraço e nem lhe contrario os gostos. Se elle quizer ir pora o Paraguay como voluntario da patria. . .

FRANCISCO.

Eu! que badinagem! Ainda não vi o *Barbe-Bleu!*

(*Cabe o panno.*)





